

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DA VEGETAÇÃO RIPÁRIA DO OESTE PAULISTA, BRASIL: RIO AGUAPEÍ

João Vitor Mazur Cezar (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Paula Santana de Oliveira (PIBIC),
Carlos Eduardo Bento Fernandes (Nupélia/UEM), Jéssica Magon Garcia, Mariza
Barion Romagnolo (Coorientadora - DBi/Nupélia/UEM), Kazue Kawakita
(Orientadora - Nupélia/UEM)
E-mail: ra132311@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Biológicas, Maringá, PR.

Área do conhecimento: Ciências Biológicas, subárea: Botânica

Palavras-chave: Vegetação ripária, rios meandantes, herbário.

RESUMO

A vegetação no oeste paulista sofreu intenso desmatamento no passado e, mais recentemente, tem sofrido com a plantação de cana de açúcar na região. Apesar disso, remanescentes de vegetação nativa localizadas no Parque Estadual do Rio Aguapeí, abrigam espécies da flora características da região. Neste contexto, este projeto objetivou levantar a flora de um trecho de vegetação ripária do rio Aguapeí, Brasil, segundo metodologia usual pelo método do caminharmento, em parcelas de 10x10 m plotados em diferentes habitats. Além deste objetivo, este projeto visou elaborar uma lista das espécies herbáceas, arbustivas, arbóreas e trepadeiras das áreas; levantar as espécies nativas, exóticas, invasoras, raras ou endêmicas, além de expandir os conhecimentos ecológicos das áreas ripárias desses rios. Realizou-se, numa primeira etapa do projeto, um levantamento das espécies coletadas no rio Aguapeí, nos municípios que fazem parte do Parque Estadual, acervados em herbários vinculados ao Spling (<http://www.spling.org.br/>). Em uma segunda etapa, acrescentou-se, na lista do levantamento florístico, as espécies coletadas no período de 29 de maio de 2023 a 02 de junho. Apresenta-se, desta forma, uma lista de espécies, onde foram citados o nome científico, nome-popular, hábito, duração de vida, forma de vida e material testemunha (*voucher*), além de imagens fotográficas. Foram amostradas um total de 118 espécies.

INTRODUÇÃO

O Parque Estadual do Rio Aguapeí (PERA) está situado no oeste paulista, Brasil, com uma superfície de 9.043,9700 hectares. Abrange os municípios de Castilho, Nova Independência, Guaraçaí, São João do Pau d'Alho, Monte Castelo e Junqueirópolis. A área de estudo sofreu intenso desmatamento no passado e,

mais recentemente, tem sofrido com a plantação de cana-de-açúcar no entorno do parque e região. Outras atividades conflitantes tais como a caça, a pesca predatória, a rodovia SP-563, que segmenta o PEA, também afetam a UC. Entretanto, remanescentes de vegetação nativa localizadas nos Parques Estaduais do Rio Aguapeí e do Peixe, abrigam espécies da flora características da região (EMBRAPA, 2017). Segundo o Plano de manejo vigente, a vegetação pertence ao Bioma Mata Atlântica, região fitoecológica da Floresta Estacional Semidecidual. Junto com o PE do Rio do Peixe, preservam os últimos trechos de biogeocenose presentes nos rios paulistas.

Os rios podem ser retilíneos, meandantes ou anastomosados. Os rios meandantes ao contrário dos rios retilíneos, apresentam inúmeras curvaturas, formando margens côncavas e convexas, as côncavas são aquelas com maiores riscos de erosão do solo, já nas margens convexas os sedimentos se acumulam (Riccomini et al. 2004).

As matas ciliares são florestas ou cobertura vegetal que ficam às margens de rios, igarapés, lagos, olhos d'água e represas. Seu desempenho tem como suporte geoecológico das florestas beiradeiras como a hidrogeomorfológica e tem aspectos como a hidrologia e a heterogeneidade. Inicialmente o termo ciliar era usado para designar as formações florestais isoladas do interflúvio. Sua formação em campos sulinos foram adotadas de mata de anteparo. Outros termos em função das características edáficas são: floresta do brejo, floresta de várzea, floresta aluvial etc.

Deve-se ainda somar a esta função da floresta ripária a hidrológica, representada por processos importantes para a estabilidade da microbacia, para a manutenção da quantidade e qualidade da água e para a manutenção do ecossistema aquático.

Os objetivos deste projeto foram (1) realizar um levantamento da composição florística e fitofisionômica dos sistemas rio-planície de inundação dos rios Aguapeí, noroeste do estado de São Paulo, Brasil; (2) elaborar uma lista das espécies herbáceas, arbustivas, arbóreas e trepadeiras da área; (3) levantar as espécies nativas, exóticas, invasoras, raras ou endêmicas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

O rio Aguapeí (21°14'6,81S e 51° 28'12,75''O), localizado no extremo Oeste Paulista, é um sistema fluvial meandrante e bem parecido quanto ao canal principal, forma da bacia de drenagem, substrato litológico, relevo, clima e vegetação natural (P.C. Rocha, informação pessoal). A vegetação pertence ao Bioma Mata Atlântica e à região fitoecológica Floresta Estacional Semidecidual.

Tendo em vista o atraso no desenvolvimento do projeto Morfologia fluvial, variabilidade/mudanças climáticas e conectividade nos sistemas aluviais do baixo curso dos rios Aguapeí e Peixe, Oeste Paulista, Brasil, ao qual o presente relatório está vinculado, foram feitas adaptações no projeto, com a confecção da lista de espécies a partir da consulta no site <https://specieslink>. Este local é composto por

uma florística de gêneros comum ocorrentes e de formas biológicas características que se repetem dentro de um mesmo clima podendo decorrer em terrenos de litologia heterogênea, todavia com relevo bastante demarcado. Para atingir os objetivos, utilizou-se de espécies coletadas no Rio Aguapeí e registradas no banco de dados do programa Botanical Research and Herbarium Management System. Em uma segunda etapa, acrescentou-se, na lista do levantamento florístico, as espécies coletadas no período de 29 de maio a 02 de junho de 2023. Apresenta-se, desta forma, uma lista de espécies, onde foram citados o nome científico, nome-popular, hábito, duração de vida, forma de vida e material testemunha (*voucher*), além de imagens fotográficas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas diversas atividades no laboratório de Vegetação Ripária do Nupélia, no período de setembro a fevereiro de 2023 tais como: levantamento na literatura sobre análise da vegetação; áreas úmidas; biodiversidade; fitofisionomias; florística e fitossociologia; mata ciliar; metodologia de coleta e herborização; planícies de inundação; processos ecológicos; vegetação ripária, dentre outros.

Com as espécies levantadas confeccionou-se uma tabela e pranchas ilustrativas; realizou-se acompanhamento na identificação das espécies; acompanhamento na informatização no programa BRAHMAS; organização das exsicatas.

As famílias com maior número de espécies são Fabaceae e Poaceae. Estas famílias têm ampla distribuição geográfica na PIAP (SOUZA et al, 1997; SOUZA et al. 2004).

Com relação ao porte, foram amostradas 103 de arbóreas, 09 de arbustos, 05 de herbáceas e 03 trepadeiras.

Foram levantadas 112 espécies nativas e 04 exóticas. A predominância das espécies nativas demonstra a importância da preservação da área. Dentre as exóticas, destacam-se o capim-bengo *Urochloa arrecta* e a braquiária *U. decumbens* como exóticas com alto nível invasor e sugere-se o seu manejo nos limites do PERA e entorno.

CONCLUSÕES

Os levantamentos florísticos são essenciais para analisar a composição da flora e apoiar as atividades conservacionistas. O Projeto de Iniciação Científica ampliou o conhecimento botânico dessa unidade de conservação e foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa científica dos acadêmicos envolvidos no projeto.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Natália Alves França e ao Nupélia/UEM, pelo apoio logístico. JVM agradece ao CNPq pelo apoio financeiro (PIBIC); agradecemos também ao Projeto morfologia fluvial, variabilidade/mudanças climáticas e conectividade nos

sistemas fluviais do baixo curso dos rios Aguapeí e Peixe, Oeste Paulista, Brasil (Processo 408949/2021-0).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F.; FERREIRA, M.T.; ALBUQUERQUE, A.; RODRÍGUEZ-GONZALES, P. (2008). Tipologia ripícola de sistemas fluviais portugueses. **Tecnologia da Água**, v. 3, p. 30–8; 9º Congresso da Água.

CASATTI, L. et al. From forests to cattail: how does the riparian zone influence stream fish? **Neotropical Ichthyology**, v. 10, n. 1, p. 205–214, 1 jan. 2012.

PAULO, M.; CAMPOS, J.; DOMINGUES, M. INFLUÊNCIA DA TOPOGRAFIA E DA ABERTURA DO DOSSEL NA ESTRUTURA DO COMPONENTE HERBÁCEO-ARBUSTIVO EM DOIS FRAGMENTOS FLORESTAIS NA PLANÍCIE DE INUNDAÇÃO DO ALTO RIO PARANÁ. **Ciencia Florestal**, v. 28, n. 1, p. 191–191, 2 abr. 2018.

RICCOMINI et al., 2009 **Os tipos de canais fluviais**- a geomorfologia fluvial. 1library.org. Disponível em: <<https://1library.org/article/os-tipos-de-canais-fluviais-a-geomorfologia-fluvial.qm0ll89y#:~:text=Os%20quatro%20padr%C3%B5es%20b%C3%A1sicos%20e%20Fou%20tipos%20de%20canais,de%3A%20retil%C3%ADneos%2C%20meandrante%2C%20anastomosado%20e%20entrela%C3%A7ado%20ou%20ramificado.>>>. Acesso em: 26 set. 2023.

RODRIGUES, R.R. **Matas ciliares**. São Paulo: EdUSP, 2000.

RODRIGUES, R.R. Uma discussão nomenclatural das florestas ciliares. *In*: RODRIGUES, R.R. & LEITÃO Filho, H. de F. (ed.) **Matas Ciliares**: conservação e recuperação. 3a. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2004. p.91-99

RODRIGUES, R.R.; LEITÃO Filho, H F. **Matas Ciliares**: conservação e recuperação. São Paulo: EdUSP, 2000, pp. 33–35.

SOUZA, M.C. de; CISLINSKI, J.; ROMAGNOLO, M.B. 1997. Cap. II. 12 Levantamento florístico. *In*: VAZZOLER, A.E.A.M.; AGOSTINHO, A.A.; HAHN, N.S. **A planície de inundação do alto rio Paraná**: aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos. Maringá: Editora da UEM, 1997.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Bioma Cerrado** - Portal Embrapa. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-cerrado>>. Acesso em: 26 set. 2023.

SILVA et al. Dinâmica de crescimento de uma floresta tropical sazonalmente seca no semiárido brasileiro. **Ciencia Florestal**, v. 32, n. 3, p. 1594–1616, 22 set. 2022.

AB'SÁBER, A. **Os domínios de natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. ISBN 978-85-7480-355-5